Revista Macambira
Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial (LaPPRuDes)
ARTIGO-MEMORIAL / MEMORIAL ARTICLE
https://doi.org/10.35642/rm.v6i1.720

MEMÓRIA, CAMINHO, ENCANTO: meu encontro com a educação do campo

VALDIR FERREIRA ALVES[1]

RESUMO: Neste artigo, tenho por objetivo evidenciar o percurso vivido, através da memória dos saberes construídos na família, roça e educação. Relato as ensinagens da/na família, a caminhada, com o objetivo de mostrar as vivências e o crescer na roça, aprendendo a resistir diante das dificuldades, experimentar as grandiosas celebrações culturais. Essas situações me possibilitaram a fazer escolhas, atuar e formar-me na educação popular e educação do campo, assim, tive acesso a uma formação que dialoga com a minha vida e raiz familiar, considerando a identidade da roça, saberes, respeito às memórias. Apresento o quão prazeroso é se permitir este retorno, esta escrita que é abertura e construção, lembrando os fatos que reverberam e nutrem a minha história e caminhada. Encontro-me com um processo identitário da roça e as suas possibilidades reais de construção e efetivação de educação, sou fruto, e hoje, a partir do olhar sistêmico e inclusivo, busco pelo escrito valorizar esse contexto histórico.

Palavras-chave: Memória, Família, Saberes, Educação do Campo.

1 - Pedagogo (UNEB). Especialista em Gestão de Cooperativas (UNEB). Especializando-se em Educação do Campo (IF Baiano/Serrinha). E-mail: valdirsha@gmail.com

Memory, path, charm: my encounter with countryside education

ABSTRACT
In this article, I aim to: highlight the path lived, through the memory of knowledge built in the family, countryside and education. I report the teachings of/in the family, the walk, with the objective of showing the experiences and growing up in the countryside, learning to resist in the face of difficulties, experiencing the grandiose cultural celebrations, these situations allowed me to make choices, act and form myself in popular education and rural education, thus, I had access to training that dialogues with my life and family roots, considering the identity of the countryside, knowledge, respect for memories. I present how pleasurable it is to allow this return, this writing that is opening and construction, remembering the facts that reverberate and nourish my history and walk, I find myself with an identity process of the countryside and its real possibilities of construction and effectiveness of education, I am a fruit and today, from a systemic and inclusive perspective, I seek through writing to value this historical context.

Keywords:
Memory, Family, Knowledge, Field Education.

Memória que nutre a caminhada

Acredito que depois de uma longa e tênue caminhada, e a partir das diversas oportunidades que a vida, a comunidade, a família, os amigos/as, a educação e a sociedade nos proporcionaram, sinto o desejo de socializar parte de meu memorial, como resultado dessa caminhada. A intenção é voltar minha atenção para retribuir parte da explosão e do sentimento de felicidade ao organizar este material, que será lembrado enquanto reflexão de nossa existência aqui na terra. Neste memorial, trago o meu encontro com diversas categorias, conceitos e elementos, que os considero importantes para que o brilho da vida possa alcançar a todas as pessoas. A relação estabelecida entre as pessoas e a educação se constitui um processo endógeno, que constrói possibilidades e transforma vidas para o bem, para a realização de sonhos e a construção de pilares fundamentais que edificam a sociedade. Trago momentos iniciais de minha vida no campo e na escola, memória de meus pais, meus avós e professores leigos, na minha vida e em meu contexto educacional.

De acordo com Antunes (2008), o envolvimento familiar na escola representa importante estímulo no processo de aprendizagem de qualquer aluno; isso torna muito mais forte essa relação.

Enquanto cidadão do infinito, do campo e da terra, eu apresento minha origem humilde e a significativa presença de pessoas fundamentais em minha vida. O segundo filho de Dona Deraldina e de Seu Adeladio Alves (*In memoriam*), uma família de quatro irmãos. Nasci e cresci na Fazenda Rio do Caroá, localizada ao norte do Povoado Canto, Serrinha-Ba. Desde pequeno busquei entender o expressivo e o complexo jeito de viver e conceber as coisas ao nosso entorno. O fato de crescer na roça, nos possibilitou fazer escolhas desde cedo, conviver com dificuldades e também experimentar grandiosas situações que foram colaborando para a formação de uma personalidade em que o respeito, a empatia e a dignidade humana são princípios basilares na caminhada.

A educação familiar sempre foi apoio para a nossa lida e também das relações com as pessoas. Lembro-me de que a minha casa ficava muito próxima da casa de meus avôs paternos, Vó Maria e Valeriano (Pai Véi). Visto que a fazenda ficava distante de tudo, a nossa rotina diária começada cedo, cuidando dos animais, a ordenha das vacas, a mudança dos animais para as pastagens, o cuidado com a lavoura, a saúde dos animais, os afazeres dos mais velhos, os recados, e não podia faltar a tarefa do dia; voltado para algumas atividades agrícolas, uma delas era buscar água para o consumo e para os animais. Era uma convivência muito importante dentro dessa relação. Minha avó era analfabeta, meu avô sabia ler e escrever, fazer cálculos como ninguém, assim eles fizeram a sua vida, criaram sua família, naquele lugar, com tamanhas dificuldades e desafios para sobreviver, mas envolvidos por conceitos relativamente simples, que foram importantes para a consolidação de bens e possibilidades encantadoras, que geraram outras famílias, muitas realidades e construções diversas.

Meu pai carpinteiro sempre deixava a comunidade para trabalhar em obras de infraestrutura nas grandes metrópoles do país, como São Paulo e Salvador, e minha mãe, mulher do lar, da agricultura, se

dividia entre as atividades de casa e da feira livres de Araci-BA (às segundas-feiras) e as de Serrinha-BA (aos sábados), isso para ajudar a criar a família, muitas vezes sozinha, pelo fato de meu pai viajar sempre. Assim, mesmo diante de tantos desafios impostos pela vida, a educação sempre foi concebida como fundamental por todos adultos que estavam a nossa volta.

Os afazeres em casa e do campo se constituíam atos e princípios educativos, realizados sempre com a agradável companhia de um familiar. Desde cedo, ajudávamos a cuidar dos animais e também da lavoura, no trato com a terra, a plantação de feijão, milho, batata, mandioca, hortaliças, pastagens e da floresta. Aos 7 (sete) anos, ingressamos na escola da comunidade, foi a realização de um sonho muito esperado. Meu avô nos deixou pela primeira vez na Escola Joel Alves de Morais, em uma manhã de segunda-feira fria; apenas duas salas de aula, um lugar simples, paredes brancas, piso de cimento, quadro desgastado, giz branco, com bancos de madeiras compartilhados com outras crianças, uma professora para muitas crianças, ali estávamos nós, prontos para o início de uma grande jornada. O nome da professora era Matilde de Jesus Santos, com temperamento forte e ao mesmo tempo muito simples, nos ajudou a conhecer as letras e os números, dando asas para a nossa imaginação e nos ajudando no aprendizado formal. A escola era nosso mundo fora de casa, pois o contato com outras crianças acontecia naquele lugar. Ver gente, aprender, ver a vida acontecer, brincar de futebol, contar casos, fazer resenhas, enfim, um lugar para se encantar.

O tempo foi passando e a cada ano uma nova professora: Senhorinha Rocha de Souza Santos (1º ano), Antonia Severina de Souza (2º ano) e Tereza Rocha de Souza (3º e 4º ano). Em meu consciente, a escola sempre ocupou um lugar especial de edificação, coletividade, troca de conhecimento, e porque não ascensão social? Juntamente com meu irmão pudemos compartilhar tempo entre a escola e os afazeres na roça, sendo que, à medida que fomos crescendo, as responsabilidades também vieram, fazendo-se necessária a divisão de tempo para a lida na roça e na escola.

Já no Ensino Fundamental II, fomos obrigados a mudar nossa rotina completamente. Foi a vez de partir para estudar na cidade, um mundo completamente diferente, mas esperado. Muitas angústias, pois faltava transporte, dignidade e garantia do direito fundamental acesso e permanência na escola pública. Da 5ª a 8ª série, estudamos na Escola Estadual André Negreiros, que na época acolhia os estudantes da zona rural e dos bairros periféricos. A escola, a pesar de simples, nos acolhia muito bem, a gestora e seus professores eram solícitos e hospitaleiros, a ponto de se preocuparem com fardamento, alimentação e com o processo educacional. O nome da diretora era Dona Lindaura Barcelar, uma pessoa incrível. Uma escola que estava na cidade, mas que tinha aspecto de escola do campo devido à presença de adolescentes e adultos de diversas localidades rurais, como: Segunda Aguada, Alto Alegre, Canto, Cabeça da Vaca, Dois Irmãos, Tamburi, Matão, Isabel, Alto de Fora, Mandacaru, Sucupira, Bom Jardim, etc. Essa memória é apenas para dizer o quanto é importante ter uma gigantesca história para contar ao mundo.

No Ensino Médio foi a vez de adentrar na Escola Normal de Serrinha, esta oferecia duas modalidades de ensino (Médio Científico e Médio Magistério), uma escola incrível para a época, com professores experientes, respeitados, motivadores e que desempenhavam suas funções com muita dedicação e coagem. Mesmo assim era muito difícil permanecer na escola, pois o investimento necessário não era alto e nossos pais não tinham condições de garantir, fardamento, livros, fotocópias e materiais pedagógicos para a realização de atividades diversas. Naquele período, o Estado não fornecia alimentação para os estudantes, assim a gente passava muita fome, até retornar para a comunidade por volta das 13h (treze horas).

O campo, enquanto território educativo, em muito contribui para as pessoas e a ele sou muito grato, pois as vivências, a cultura, o plantio, a coleta, as rezas, as carruagens, as dificuldades com a estiagem, as rodas, os festejos, a escassez de alguns recursos e a abundância de outros em muito favorece a construção de personalidade, das lutas e da coletividade.

Neste percurso trago a família enquanto categoria fundamental no processo de ensino e aprendizagem e que a todo modo deve estar lado a lado com a escola. De acordo com Antunes (2008, p. 89), "Existe uma relação extremamente próxima entre escola de alta qualidade e o grau de atuação e de envolvimento familiar nas atividades desenvolvidas. É evidente que esse envolvimento abriga limites que jamais podem ser ultrapassados".

Portanto, considero que a família desempenha um papel incomensurável no processo de ensino e aprendizagem das crianças, dos adolescentes e das pessoas no geral, influenciando a todos para o fomento daquilo que há de melhor dentro de nós, no sentido da efetivação de realidades centradas na esperança, dignidade humana e realização das pessoas. Ao fazer esforço para me lembrar da trajetória de minha infância e adolescência nesse lugar, me deparo com mulheres guerreiras, que por vezes eram mães chefes de família, pais, educadoras, batalhadoras, líderes, feirantes, rezadeiras, doceiras; e homens simples, que faziam as coisas acontecerem, vaqueiros, carreiros, adobeiros, carpinteiros, pedreiros, rezadores, historiadores, gameleiros, pescadores, açougueiros, jogadores de futebol, comerciantes, ferreiros, barbeiros. Pessoas simples que, com bastante maestria, contribuíram para a nossa educação e consequentemente para a formação do povo cantense. A comunidade Canto é um lugar humilde, sem muitos recursos públicos e infraestrutura coletiva, mas com pessoas hospitaleiras, simples, que, embora tranquilos(as), cantam a vida para o mundo ouvir e podem replicar suas experiências, vivências em prol do bem viver.

O Canto ainda consegue ser um lugar de boa convivência entre as pessoas e a natureza, com aguadas, matas, riachos perenes, muitos animais e muitas espécies da flora, tecnologias de captação de água de chuvas, com caatinga. Apesar de dialogar entre a transição de comunidade para povoado, que requer uma forma mais organizada de lugar, ora se comporta enquanto comunidade e também como povoado. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o povoado trata-se de uma:

> Localidade que tem a característica definidora de Aglomerado Rural Isolado e possui pelo menos 1 (um) estabelecimento comercial de bens de consumo frequente e 2 (dois) dos seguintes serviços ou equipamentos: 1 (um) estabelecimento de ensino de 1º grau em funcionamento regular, 1 (um) posto de saúde com atendimento regular e 1 (um) templo religioso de qualquer credo. Corresponde a um aglomerado sem caráter privado ou empresarial ou que não está vinculado a um único proprietário do solo, cujos moradores exercem atividades econômicas quer primárias, terciárias ou, mesmo secundárias, na própria localidade ou fora dela (IBGE, 2006, p. 4)

Assim, com o pertencimento local e o ideário de lugar, enquanto espaço geográfico, carregado de realidades, vida, construções sociais e solidárias, que em muitos outros aspectos, encanta e fortalece os passos de seus nativos, a comunidade Canto passa a estabelecer outros aspectos e categorias, e na atual conjuntura, também memórias de um passado presente, estabelecido como um patrimônio imaterial, que muito tem a ver com a história de nosso povo.

Ao reverberar o passado, fazendo essa ligação com o cotidiano das pessoas da comunidade, trago a ruptura de um silêncio provocado pela rapidez das situações do cotidiano, registrarando e sistematizando informações importantes, para que, em um futuro próximo, tenhamos ferramentas, memória e capacidade de argumentar o fato histórico com propriedade.

Foi a partir dessa realidade que cresci e pude contribuir para um mundo melhor, uma comunidade mais agraciada, no momento em que decidi colaborar também com os movimentos existentes e com aqueles que estavam por ser gestados. Aprendi na comunidade, com os líderes mais vividos, que a luta não deve parar e assim passei a fazer parte de vários espaços educativos existentes nela. A Associação Comunitária de Canto, a comunidade religiosa, os grupos de produção, as tecnologias sociais, o fundo rotativo solidário, as festividades, o Banco de Semente, os mutirões, as lutas individuais e coletivas muito reverberam o poder do lugar e das pessoas, na medida em que essas se abrem para o processo construtivo e emancipatório.

Fui crescendo e alimentando o forte desejo de ingressar na academia, veterinária era o curso vislumbrado, no entanto, a vida reserva suas surpresas e em alguns momentos precisamos desacelerar os passos para poder se fortalecer; isso aconteceu comigo.

O falecimento de meu pai, um momento difícil e complexo em minha vida. Uma realidade que precisei encarar e foi necessário reorganizar os passos firmados, não podia desistir de nada, pois a vida e os meus haviam me ensinado resistir e a buscar positividade para a vida e o entorno. Naquele momento a comunidade me envolveu de forças e coragem, servindo de sustentáculo para as novas decisões que precisaria tomar. Continuei firme, conclui o Ensino Médio na Escola Normal de Serrinha no ano 2002, com muita dificuldade.

Passado um tempo, prestei vestibular para a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XI, localizado em Serrinha e fui aprovado em Pedagogia, docência e gestão de processos educacionais. Mais uma vez enfrentei muita dificuldade para permanecer na faculdade, todavia, era o que eu tanto desejava, assim teria que dar conta e buscar forças e concluir. A universidade, sem dúvidas, foi um espaço decisivo

em minha vida, lugar de construção de conhecimentos, projetos, amizades e também de desconstrução de paradigmas e estereótipos. A chance de mostrar para mim e para a sociedade que podemos criar e defender as oportunidades.

Permaneci na Universidade, lugar que favoreceu a conclusão da graduação em pedagogia, e posteriormente, da Especialização em Gestão de Cooperativas. Após alguns anos, foi a vez de buscar no IFbaiano, *campus* de Serrinha, a Especialização em Educação do Campo. Lembro-me de que minha madrinha e professora, Tereza Rocha, um dia, ao ver a construção do *campus* do IFbaiano, disse "Quem poderá entrar ali?", e tanto ela, que foi uma das minhas primeiras professoras, e eu, seu aluno do campo, da comunidade, desse território, conseguimos, sim, não apenas entrar, mas realizar cursos, participar de palestras, feiras, diálogos; e não estávamos sozinhos, porque a educação, apesar de apresentar suas veredas, também nos possibilita a construção de caminhos e pontes por onde podemos passar, fazer história, construir outras travessias.

Isso é possibilidade, um memorial **no** qual quero replicar a oportunidade que a educação, familiares, professores e o território de saberes nos proporcionam. E meu objetivo é publicar este material no dossiê Macambira do IFbaiano, para que, testemunhando meus passos passado com base no presente, com minha comunidade e família, possa inspirar outras pessoas a sistematizarem suas histórias e estórias, motivando assim a realização de sonhos e a contemplação da vida simples, complexa e passageira, mas que nos leva a lugares incríveis e possíveis. Desejo também evidenciar o importante papel desempenhado pelos meus professores ao longo dessa caminhada, desde os primeiros, na escola Joel Alves de Morais, na Comunidade Canto, os da Escola Normal de Serrinha, os da Universidade do Estado da Bahia (*Campus* de Serrinha e de Conceição do Coité) e do IFbaiano (Serrinha), pois, sem a contribuição desses e dessas, tudo se tornaria mais difícil e talvez impossível.

Caminho e memória da educação do campo

A partir de projetos descontextualizados da realidade e da falta de comprometimento com a educação rural, os povos do campo pautaram um debate voltado para a reflexão das atividades desenvolvidas pelas escolas do campo no I Encontro Nacional de Educadores da Reforma Agrária (ENERA). Stedile e Fernandes (1999) afirmam que o Iº ENERA foi um marco na história do Setor de Educação do MST, assim como fora do Movimento. O ENERA ajudou a propagandear, no sentido positivo, que o MST não se preocupa apenas com terra, se preocupa também com escola, com educação.

> Para nós, tão importante quanto distribuir terra é distribuir conhecimento. Somos parte de um processo mais amplo de desenvolvimento do meio rural, para que consequentemente as pessoas se desenvolvam, sejam mais felizes e mais cultas, mesmo morando na roça. (STEDILE; FERNANDES, 1999, p. 56).

Um marco para a Educação do Campo, foi a Resolução CNE/CEB 1, de 3 de abril de 2002 que instituiu as Diretrizes Operacionais para a Educação do Campo, e aqui destaco seu artigo 10º que diz:

> O projeto institucional das escolas do campo, considerando o estabelecido no artigo 14 da LDB, garantirá a gestão democrática, constituindo mecanismos que possibilitem estabelecer relações entre a escola, a comunidade local, os movimentos sociais, os órgãos normativos do sistema de ensino e os demais setores da sociedade. (BRASIL, 2002, n.p.)

Nesse sentido, presumiu-se a participação dos diversos atores da comunidade, abrindo espaço para a reivindicação de um ensino com conteúdos e metodologias apropriadas ao contexto local. Os movimentos sociais do campo sempre contribuíram com sugestões para uma educação voltada ao rural, tais pautas foram essenciais para a criação da Resolução nº 2, de 28 de abril de 2008 que estabelece as Diretrizes Complementares, normas e princípios para o desenvolvimento da Educação Básica do Campo. Destaco o seu artigo 3º: "A Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental serão sempre oferecidos nas próprias comunidades rurais, evitando-se os processos de nucleação de escolas e de deslocamento das crianças". Mais uma forma de garantir a permanência das escolas no campo e de preferência próxima ao lugar em que os estudantes residem.

A Política de Educação do Campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, instituídos em 04 de novembro de 2010, pelo decreto nº 7.352 ressaltam a necessidade de

> [...] valorização da identidade da escola do campo por meio de projetos pedagógicos com conteúdos curriculares e metodologias adequadas às reais necessidades dos alunos do campo, bem como flexibilidade na organização escolar, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e as condições climáticas" (BRASIL, 2010, n.p.)

Ao abordar as especificidades, ressaltam os saberes comunitários, os recursos didáticos, pedagógicos, tecnológicos, culturais e literários destinados à educação do campo que deverão atender às especificidades, com conteúdos relacionados aos conhecimentos das populações, considerando os saberes próprios das comunidades, em diálogo com os conhecimentos acadêmicos e a construção de propostas de educação no campo contextualizadas, como percebemos no Decreto nº 7.352, de novembro de 2010 art. 6º.

Sendo assim, como pedagogo e um homem do campo, pretendo aprender e socializar minhas experiências, visando contribuir efetivamente para a consolidação da educação para a vida e para a dignidade humana. E trazer, nesse itinerário, as memórias, as experiências e a preocupação com o bem viver, pois são âncoras importantes para o fomento de novos planejamentos, levando em consideração os fatos históricos e as realidades nos quais estamos inseridos. De acordo com Souza (2012, p. 81), "Memória é a (re)construção porque ela se realiza no presente como material do passado e, quando processa esse movimento, ela reinventa as tradições, afirmando-as. Isto é fundamental para a eminência das identidades de uma população no tempo histórico.".

Dessa perspectiva, tudo o que fazemos, planejamos, idealizamos transita pelo campo da memória, de forma intencional ou não. No espaço educativo, sobretudo no campo, as rodas de conversa, a bata do milho, o plantio, o contexto histórico, a socialização, a história da comunidade, a etnomatemática, elementos da fauna e da flora, as caravanas, os festejos dialogam tranquilamente com as questões de identidade e fomentam a memória das coisas, dos fatos, da história remanescente.

O educador e a caminhada

Sou um Serrinhense, educador popular, negro, da roça, casado, pai de duas meninas, sempre atuei em movimentos de inclusão e valorização das pessoas, participei da execução de Programas e Projetos Sociais e Educativos no município de Serrinha Bahia, bem como no território do sisal, também realizo atividades pastorais e voluntarias, junto à Igreja Católica da minha comunidade. Sou graduado em Pedagogia pela UNEB, Universidade do Estado da Bahia, em 2010. Especializado em Gestão de Cooperativas, com ênfase em Economia Solidária, pela UNEB, *Campus* Serrinha, em 2015. Pós-graduado em Educação do Campo, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, *Campus* Serrinha, em 2021. Em 2019, fui selecionado na condição de aluno especial para o Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação e Diversidade (MPED), UNEB, *Campus* Conceição do Coité. Sou membro do Núcleo de Estudos em Agroecologia (NEA-Abelmanto). Atuei na função de educador na instituição financeira ASCOOB Sisal, na Educação de Jovens e Adultos (EJA), em projetos de educação, e outros voltados para a convivência no semiárido, a exemplo do Programa um Milhão de Cisternas (P1MC) e Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), executados através da Associação dos Pequenos Agricultores Familiares de Serrinha (APAEB). Sempre estive envolvido nas causas das juventudes, através dos Movimentos Sociais, Pastoral da Juventude, Movimento Estudantil. Fui Conselheiro Tutelar no município de Serrinha-BA. Participo da Cooperativa de Produção de Alimentos do Município de Serrinha. Atuei na coordenação pedagógica da (Associação das ASCAFES junto à Chamada Pública de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER). E atuei enquanto orientador educacional na ASCOOB Sisal e como Analista de Relacionamento na CRESOL Sisal.

Memória é o reconhecimento de que somos mais do que seremos, de que o presente vale tão quanto o futuro e que seremos sempre lembrados pelo existir, por isso escolhi esse instrumento para trazer meus sentimentos de pertencimento, evidenciando meu chão da realidade, portanto provando que estamos vivos, fazemos parte de uma determinada realidade e que podemos deixar legado.

A memória, uma vez registrada, documentada, se transforma em arcabouço pedagógico muito importante do ponto de vista epistemológico, tanto para a geração presente quanto para as futuras, pois tal produção poderá ajudar a outras pessoas a encontrar seus caminhos, valorizando a sua realidade e, ao mesmo tempo, potencializar outros cenários.

Chegada

A educação é a grande chance de as pessoas mostrarem para o mundo o potencial que desenvolvemos por meio dos diversos processos e instrumentos por ela conduzidos. Como diria Freire (2005), a educação transforma e nos leva a lugares e situações desafiadoras, cabe a cada um, usando de seus princípios ora galgados e vividos, trilhar o melhor caminho rumo à resolução dos desafios vindouros. Ela é uma conquista, portanto, aqueles que a conseguem devem valorizar e abraçar com todo entusiasmo e dedicação. Também é uma oportunidade, pois nos proporciona transformação pessoal, capacitações e formações voltadas para as questões centradas no ser humano.

Ao perpassar pela memória, gostaria de citar Manoel Castells (2008), ao lembrar as tendências conflitantes estabelecidas pela globalização em torno das identidades e situações que direta ou indiretamente influenciam na memória dos povos, das comunidades tradicionais e muitas vezes mexem com as identidades das populações em seu tempo histórico.

E sendo agora educador especialista em Gestão de Cooperativas e da Educação do Campo, com diversas experiências profissionais acumuladas, tenho atuado com presteza e respeito em diversas frentes humanas, com base nas heranças ancestrais, nas vivências populares, comunitárias, nos territórios de saberes e onde exista possibilidade de diálogo e da construção humana, que influenciam a vida das pessoas do entorno, da comunidade.

Dessa forma, transcrevo minhas implicações e percepções encontradas ao longo do caminho e da caminhada, como arcabouço fundamental que emancipa as pessoas e as realidades. A educação jamais poderia ficar de fora. Resultante das implicações da Educação do Campo, com as vivências e todo o processo, surge o memorial como instrumento de registro, verificação e resultado de toda a trajetória acumulada.

Mergulhar no contexto e na história da Educação do Campo me possibilita adentrar e evidenciar a lutas das comunidades e dos povos campesinos que, há muito tempo, têm levantado a voz e traçado atitudes capazes de fortalecer a busca pelos direitos relacionados à terra, água e dignidade humana. Trazer as iniciativas de apoio à luta pelos direitos de pessoas ora esquecidos em suas especificidades é tão gritante para a atual conjuntura que também nos provoca a refletir sobre quais atitudes tenho mediante todas as situações vividas nesses últimos anos e também de que forma o Estado tem contribuído para a efetivação de Políticas Públicas voltadas para a resolução dos problemas encontrados e gerados no campo, ou tem contribuído para oprimir cada vez mais os campesinos.

Conflitos têm acontecido em torno da temática e da luta pela igualdade e ou garantia de direitos. A Educação do Campo, tão importante e necessária, se configura elo de resistência, de transformação e de soberanias. Resistência na medida em que as comunidades, os assentamentos e acampamentos, percebendo a oportunidade gerada a partir da educação, têm levantado a bandeira da necessidade dos processos

educativos voltados para o todo, inclusive que contemplem as realidades de fora e de dentro do lugar de fala e de vivências. Elo de transformação e de soberanias, pelo fato de que é justamente onde os processos educativos formais são demandas recorrentes e necessários, que esse direito é ameaçado ou muitas vezes cessados, não existem mais. É no campo que escolas são fechadas, quando poderiam funcionar e agregar as famílias, crianças e adolescentes, com vistas à construção de equidades de oportunidades e bem-estar. É no campo que muitas vezes as escolas não possuem estrutura física de qualidade. É para o campo que às vezes são encaminhados os educadores por castigos e não por habilidades para trabalhar no campo.

Por outro lado, observam-se atitudes e experiências de fortalecimento da agricultura familiar, voltadas para a produção de alimentos de qualidade, que tanto servem para a alimentação das famílias das comunidades, dos acampamentos e dos assentamentos quanto para a alimentação de quem mora nas cidades e não consegue produzir alimentos. Enquanto o governo pouco se importa com as condições de vida dos agricultores, comunidades de feixe e fundo de pasto, as comunidades tradicionais, o movimento social, as universidades, os Institutos Federais de Educação, articulação, pastorais e outros movimentos têm reforçado a necessidade de pensar e garantir terra e água para todos, inclusive para aqueles e aquelas que conhecem a terra, têm coragem para trabalhar, produzir alimentos e dignidade. Por vezes o governo acaba financiando a tomada das terras e a demarcação para grileiros, grupos de empresários que exploram o meio ambiente e os recursos naturais em detrimento do capital e sem considerar os estragos ambientas, as questões sociais a curto e logo prazo, além do mal que provoca para as famílias que, de certa forma, dependem da natureza para garantir a geração trabalho e renda no campo. Desse modo, parte dessas famílias migra para povoados, vilas e também para grandes metrópoles, onde encontrarão, a princípio, dificuldade para se adaptar e desenvolver estratégias para tocar a vida.

Nessa feliz e tênue trajetória, que não se acaba, a caminhada se retroalimenta refazendo as iniciativas, organizando novos discípulos e nos mostrando que a luta não foi vencida e que ainda existe possibilidade de construção de estratégias de fortalecimento das lutas decorrentes do campo e tão necessárias para a manutenção da vida de muitas pessoas que dependem da natureza para continuar sua vida. Agradecer a Deus e às instituições de ensino (IFbaiano - *Campus* Serrinha e UNEB XI e XIV) presentes em nosso Território de Identidade (Sisal) pelas provocações, reflexões e atenção para as demandas recorrentes da luta pela terra e água, que desembocam em outras realidades.

Conclusões inacabadas

Socializar parte de minha memória expõe aquilo que é intimo e valorizo, minha vida, mas que decidi abrir para demonstrar a todos/todas aquele/aquelas que se prontificarem a parar um tempo para hidratar a mente, aguçando seus neurônios com parte da história deste mortal. Chegaram a hora e o momento de me despir a ponto de evidenciar o sofrimento coletivo, iniciado no ano de 2021, mas que chama a atenção para

o grau de periculosidade e letalidade, porém a esperança está à nossa volta e precisamos buscá-la cada vez mais. Assim sendo, quero deixar, como instrumento deste memorial, uma produção voltada para fomentar a reflexão e o desejo que sinto quanto à necessidade de alimentar em nós a esperança tão precisa da humanidade nos últimos tempos.

Falar da vida é muito complexo, mas algo importante para fomentar a nossa identidade, que deve ser assumida, defendida e vivida. A nossa formação humana, social e acadêmica nos leva a refletir sobre nossas estruturas pessoais, relacionando-a com as questões da atualidade, pois algumas situações influenciam na vida de muita gente. A educação, nesse contexto, exerce um lugar de destaque, pois proporciona calma, atitudes pensadas, reflexão, encaminhamento e mudança de comportamento. De fato, ela está em tudo, como afirma Carlos Rodrigues Brandão (2002), no entanto, a atitude deve sempre ser da humanidade.

O nosso jeito de experimentar o processo educacional, que seja nas rodas de conversas, as pesquisas, as plenárias, as construções, o vai e vem do trabalho, o transporte público, o brincar, a participação, os horários, o sinal sonoro, são lembranças memoráveis e necessárias de uma trajetória humana, marcada por espaços, tempo e lugar; sobretudo no momento em que as desigualdades sociais afloram, com o advento da pandemia da COVID 19 e seus reflexos e o fortalecimento do desemprego. A educação também é afetada, pois os espaços educativos, apesar de serem os mesmos, sofreram mudanças.

Houve um momento em que foi necessário escolher pela preservação da vida e da saúde de todos, restringindo o acesso das pessoas a todos os espaços públicos, inclusive das escolas. Tais experiências nos ensinaram muito sobre a vida e sobre os processos educativos que circundam o nosso território do saber. Mas também evidenciou uma série de apontamentos das desigualdades e dificuldades capazes de cada vez mais nos distanciar enquanto gente, que precisa de gente. Enfim, precisamos nos comprometer com processos, uma vez que temos ainda uma progressiva caminhada.

E para fazer jus a essa caminhada inevitável e necessária, trago a seguir um poema, de autoria própria, "Pé na estrada".

Pé na estrada

Seguindo o pensamento no rumo de minha vida
O caminho parece curto e o trajeto rápido.
Se porque sim, não sei, mas que a realidade é cruel
Precisa mesmo encarar o bem maior.
Durante a caminhada, pensei em desistir,
Mas havia algo dentro que ejetava forças no caminhar.
Com esse impulso a vitória seria certa... não desisti.
Segui, eu caminhei andei, segui,

Trilhei o melhor percurso que já andara.

Experimentei estradas esburacadas, desertas, movimentadas,

Com dificuldades, barreiras, enfim.

Acredita que todos esses desafios só me fortaleceram?

Olhei para trás, percebi que havia percorrido

Uma longa distância, então segui, procurei mais forças,

Encontrei. Então... cheguei!

Agora com gosto da conquista não abro mão do desafio.

Encaro a vida como premissa para chegar, fazer e conquistar o que sonhamos.

Planeje e pé na estrada...

Enquanto educadores, temos a responsabilidade de sensibilizar a comunidade para a vivência de processos, ações voltadas para a dignidade humana e para a valorização da vida. A escola não pode negligenciar esse tempo e espaço; pelo contrário, ela, estando onde estiver, deve ser a mentora dessas ações, para que contribua sempre para a efetivação de homens e mulheres libertos e transformados.

Certo de que essa já é uma responsabilidade de cada cidadão. Porém, é preciso fazer isso concomitante com as instituições de ensino, pesquisa e extensão, para que as ações vindouras sejam monitoradas, sistematizadas e divulgadas.

Referências

ANTUNES, Celso. **Uma escola de excelente qualidade**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2002.

BRASIL. **Decreto 7.352/2010**. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. Brasília, DF: Casa Civil, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2012-pdf/10199-8-decreto-7352-de4-de-novembro-de-2010/file. Acesso em: 20 out. 2022.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB n. 02, de 28 e3 abril de 2008**. Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo. Brasília, DF: MEC; CNE; CEB, 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/resolucao_2.pdf. Acesso em: 20 out. 2022.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB n. 1, de 3 de abril de 2002**. Institui as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Brasília, DF: MEC; CNE; CEB, 2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13800-rceb001-02-pdf&category_slug=agosto-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 20 out. 2022.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA IBGE –. **Censo Agropecuário 2006**: Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação. Rio de Janeiro: IBGE, 2006. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/51/agro_2006.pdf. Acesso em: 20 dez. 2016.

SOUZA, Laura Oliveiri Carneiro de. **Quilombos**: identidade e história. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

STEDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava gente, a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**. São Paulo. Ed. Fundação Perseu Abramo, 1999.

Informações do Artigo

Recebido em: 20/09/2022
Revisado em: 03/11/2022
Aceito em: 20/11/2022
Publicado em: 22/11/2022

Conflitos de Interesse: A autora declara não haver quaisquer conflitos de interesse referente a este artigo.

Como citar este artigo:

Alves, V. F., (2022). Memória, caminho, encanto: meu encontro com a educação do campo. **Revista Macambira**, 6(1), e061018. https://doi.org/10.35642/rm.v6i1.720

Licença:

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International .

Article Information

Received on: 20/09/2022
Revised on: 03/11/2022
Accepted on: 20/11/2022
Published: 22/11/2022

Conflict of Interest: No reported.

How to cite this article

Alves, V. F. (2022). Memory, path, charm: my encounter with countryside education. **Revista Macambira**, 6(1), e061018. https://doi.org/10.35642/rm.v6i1.720

License:

This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.